



A Santa Sé

SANTA MISSA NA SOLENIDADE DE MARIA SANTÍSSIMA MÃE DE DEUS E XII DIA MUNDIAL DA PAZ

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

1º de Janeiro de 1979

1. Ano de 1979. Primeiro dia do mês de Janeiro; primeiro dia do Ano Novo.

Entrando hoje pelas portas desta Basílica, desejaria juntamente com todos Vós, caríssimos Irmãos e Irmãs, saudar este Ano, desejaria dizer-lhe: bem-vindo!

Faço-o no dia da oitava do Natal. Hoje é já o oitavo dia desta grande festa, que, segundo o ritmo da liturgia, conclui e inicia cada ano.

O ano é a medida humana do tempo. O tempo fala-nos do «transcorrer», a que está sujeito tudo o que é criado. O homem tem consciência deste transcorrer, passa não só no tempo, mas igualmente «mede o tempo» do transcorrer dele: tempo feito de dias, semanas, meses e anos. Neste fluir humano, há sempre a tristeza da despedida do passado e, ao mesmo tempo, a abertura ao futuro.

Precisamente esta despedida do passado e esta abertura ao futuro estão inscritas, por meio da linguagem e do ritmo da liturgia da Igreja, na solenidade do Natal do Senhor.

O nascimento fala sempre dum início, do início daquilo que nasce. O Natal do Senhor fala dum singular início. Em primeiro lugar, fala daquele início que precede qualquer tempo, do princípio que é Deus mesmo, sem princípio. Durante esta oitava fomos alimentados dia a dia pelo mistério da perene geração em Deus, pelo mistério do Filho gerado eternamente pelo Pai: «Deus de Deus, Luz de Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado» (*Profissão de Fé*).

Nestes dias fomos, depois, testemunhas de maneira particular do nascimento terrestre deste Filho. Nasceu em Belém de Maria Virgem como Homem, Deus-Verbo aceita o tempo. Entra na história. Submete-se à lei do fluir humano. Encerra o passado: com Ele tem fim o tempo de expectativa, isto é, a Antiga Aliança. Ele abre o futuro: a Nova Aliança da graça e da reconciliação com Deus. É o novo «Início» do Tempo Novo. Cada novo ano participa deste Início. É o Ano do Senhor. Bem-vindo o Ano de 1979! A partir do início mesmo é medida do tempo novo, inscrita no mistério do nascimento de Deus.

2. Neste primeiro dia do Ano Novo toda a Igreja reza pela paz. Foi o grande Pontífice Paulo VI quem fez, do problema da paz, o tema da oração do princípio do ano para a Igreja inteira. Hoje, seguindo a sua nobre iniciativa, retomamos este tema com plena convicção, fervor e humildade. De facto, neste dia que abre o Ano Novo, não é possível formular voto mais fundamental do que exactamente este voto de paz. «Livra-nos do mal». Rezando estas palavras da oração de Cristo, é bem difícil dar-lhes conteúdo diverso daquilo que se opõe à paz, que a destrói e que a ameaça. Rezemos pois: Livra-nos da guerra, do ódio, da destruição das vidas humanas. Não permitas que mate-mos. Não permitas que sejam usados aqueles meios que estão ao serviço da morte e da destruição e cuja potência, cujo raio de acção e de precisão, ultrapassam os limites até agora conhecidos. Não permitas que sejam alguma vez usados. «Livra-nos do mal». Defende-nos da guerra. De qualquer guerra. Pai, que estais nos céus, Pai da vida e Dador da paz, suplica-Te o Papa, filho duma nação que, durante a história e particularmente no nosso século, figurou entre as mais provadas pelo horror, pela crueldade e pelo cataclismo da guerra. Suplica-Te por todos os povos do mundo, por todos os países e por todos os continentes. Suplica-Te em nome de Cristo, Príncipe da Paz.

Quanto são significativas as palavras de Jesus Cristo, que todos os dias recordamos na liturgia eucarística: *Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz. Não como a dá o mundo, vo-la dou eu* (Jo. 14, 27).

É esta dimensão de Paz, a dimensão mais profunda, que só Cristo pode dar ao homem. É a plenitude da Paz, fundada na reconciliação com o próprio Deus. A Paz interior em que compartilham os irmãos mediante a comunhão espiritual. Esta paz é o que, primeiro que tudo, nós imploramos. Mas, conscientes de que «o mundo» sozinho — o mundo depois do pecado original, o mundo no pecado — não pode dar-nos esta paz, imploramo-la ao mesmo tempo para o mundo. Para o homem no mundo. Para todos os homens, para todas as nações, diversas por língua, cultura e raça. Para todos os continentes. A paz é a primeira condição do verdadeiro progresso. A paz é indispensável para os homens e os povos viverem em liberdade. A paz é, ao mesmo tempo, condicionada — como ensinam João XXIII e Paulo VI — pela garantia de a todos os homens e povos estar assegurado o direito à liberdade, à verdade, à justiça e ao amor.

«A convivência entre os seres humanos — ensina João XXIII — é ... ordenada, fecunda e correspondente à dignidade deles como pessoas, quando se funda na verdade ... Isto pede que

sejam reconhecidos os deveres recíprocos e os deveres mútuos. E é, além disso, uma convivência que se pratica segundo a justiça ou no respeito efectivo daqueles direitos e no cumprimento leal dos respectivos deveres; que é vivificada e integrada pelo amor, atitude de alma que faz sentir como próprias as necessidades e as exigências alheias, torna participantes os outros dos bens próprios e tende a tornar cada vez mais viva a comunhão no mundo dos valores espirituais; e é praticada na liberdade, isto é, do modo conveniente à dignidade de seres levados pela sua própria natureza racional a assumir as responsabilidades do seu operar» (Encíclica *Pacem in Terris*, 18; cfr. Paulo VI, Encíclica *Populorum Progressio*, 44).

A paz, portanto, é necessário sempre aprendê-la. É necessário, por conseguinte, educarmo-nos para a paz, como diz a mensagem para o primeiro dia do ano de 1979. É necessário aprendê-la honesta e sinceramente a vários níveis e nos vários ambientes, a começar pelas crianças nas escolas elementares até àqueles que governam. Em que altura desta universal educação para a paz nos encontramos? Quanto está ainda por fazer? Quanto é necessário ainda aprender?

3. Hoje a Igreja venera especialmente a Maternidade de Maria. Esta é como última mensagem da oitava do Natal do Senhor. O nascimento fala sempre da Mãe, d'Aquela que dá o homem ao mundo. O primeiro dia do Ano Novo é o dia da Mãe.

Vemo-l'A portanto — como em tantos quadros e esculturas — com o Menino nos braços, com o Menino ao colo. Mãe, Aquela que gerou e alimentou o Filho de Deus. Mãe de Cristo. Não há imagem mais conhecida e que fale de modo mais simples do mistério do nascimento do Senhor do que a imagem da Mãe com Jesus nos braços. Não é porventura esta imagem a fonte da nossa singular confiança? Não é exactamente ela que nos permite viver no círculo de todos os mistérios da nossa fé, e, contemplando-os como «divinos», considerá-los ao mesmo tempo como «humanos»?

Mas há ainda outra imagem da Mãe com o Filho nos braços. Encontra-se nesta basílica. É a «Pietà»: Maria com Jesus descido da Cruz; com Jesus que expirou diante dos seus olhos, no monte Gólgota, e depois da morte volta àqueles braços que o sustentaram quando em Belém foi oferecido como Salvador do mundo.

Desejava portanto unir hoje a nossa oração pela paz com esta dupla imagem. Desejava ligá-la com esta Maternidade, que a Igreja venera de modo especial na oitava do Natal do Senhor.

Por isso digo:

«**Mãe**, que sabeis o que significa apertar nos braços o corpo morto do Filho, d'Aquela a quem destes a vida, poupai a todas as mães desta terra a morte dos seus filhos, os tormentos, a escravidão, a destruição da guerra, as perseguições, os campos de concentração, as prisões! Conservai-lhes a alegria do nascimento, da sustentação, do desenvolvimento do homem e da sua

vida. Em nome desta vida, em nome do nascimento do Senhor, implorai connosco a paz e a justiça no mundo. Mãe da Paz, em toda a beleza e majestade da Vossa maternidade, que a Igreja exalta e o mundo admira, pedimo-Vos: Estai connosco a cada momento. Fazei que este Novo Ano seja ano de paz, em virtude do nascimento e da morte do Vosso Filho!

Ámen.

© Copyright 1979 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana